

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

POESIA CONCRETA:
REVER-VISÃO

Antologia poética

Amador Ribeiro Neto (Organizador)

2018

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS



POESIA CONCRETA: rever-visão

Amador Ribeiro Neto (Organização)



Breves considerações sobre a POESIA CONCRETA

Amador Ribeiro Neto

A Poesia Concreta foi lançada oficialmente em 4 de dezembro de 1956, numa exposição realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Os idealizadores da mostra foram Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, juntamente com Ronaldo Azeredo, Wladimir Dias Pino e Ferreira Gullar.

Em 1957 a exposição se transfere para o Rio de Janeiro e repercute mais que em São Paulo. Talvez devido ao fato de o *Jornal do Brasil*, através de seu suplemento literário semanal, vir publicando, desde o ano anterior, colaborações dos poetas concretos. No Rio a coisa foi pra valer. Uma das manchetes da revista *O Cruzeiro*, falando dos concretos, ficou famosa: “O rock’n’roll da poesia”. Detalhe: Little Richard explodia nas rádios com “Tutti frutti”. Elvis Presley, com “Heartbreak hotel”. Tinha início um outro tempo.

Assim, ao som do rock (e da Bossa Nova), a Poesia Concreta nasce no Brasil e ganha o mundo. Com o advento da cibercultura e das infolinguagens, ela amplia seu veículo de propagação e criação. A infopoesia de nossos dias, que pipoca internacionalmente quase ao mesmo tempo, deve os créditos de origem e desenvolvimento às teorias e práticas da Poesia Concreta.

Para os poetas concretos interessava usar o espaço em branco da página tirando dele o maior proveito possível. Por isto cada poema devia ser lido incorporando também o espaço físico da página. As palavras agora são distribuídas de forma inovadora na folha em branco. Não há mais verso, no sentido tradicional do termo. A sintaxe também é violentada: as palavras, na maioria das vezes substantivos, dão o seu recado pela disposição gráfica na folha. Condensação poética passa a ser a palavra de ordem. Os verbos são renegados. O uso dos pronomes também é excluído. Busca-se agora a essência da palavra. A palavra por si, na sua materialidade.

Isto, na época, gera uma polêmica acirrada. Até hoje, mais de cinco décadas depois, há séria resistência aos avanços de linguagem que a Poesia Concreta nos trouxe. E ao *upgrade* que ela promoveu na produção poética nacional e internacional.

Dentro da nossa música popular Arnaldo Antunes, Chico César, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Otto, Lenine, Zeca Baleiro, Karnak, Adriana Calcanhoto, entre outros, valem-se de procedimentos da Poesia Concreta. Dentro da poesia brasileira contemporânea poetas como Ricardo Aleixo, Frederico Barbosa, Antônio Risério,

Paulo de Toledo, Glauco Mattoso, Sebastião Uchoa Leite, Delmo Montenegro, entre tantos outros, pagam tributo à Poesia Concreta.

Apesar de sua importância:

1. A Poesia Concreta é acusada de não considerar a subjetividade, quando de fato apenas combate o subjetivismo enquanto expressão de um Eu que se dá o direito de falar exclusivamente com o coração, numa verborragia anacrônica. A Poesia Concreta quer um poema feito com sentimento, sim, mas sentimento+consciência. Consciência do quê? De linguagem. Consciência da materialidade dos signos verbais e não-verbais. Ela enfatiza a concisão, a condensação, o rigor. O poeta agora pensa e sente ao mesmo tempo, rigorosamente.

2. O poema é repudiado por ser uma “coisa”. Ora, se por “coisa” quer afirmar-se a materialidade signíca, tudo bem. O poema concreto reivindica-se como “poema-objeto”, sim. Ou seja, como poema que se basta, como poema que se realiza na sua construção, no seu modo de fazer. Jamais o poema concreto se define como um poema sobre algo, um poema que manda um recado, uma mensagem. Mensagem, recado e reflexão são objetos da Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Religião, etc. Ou seja, das ciências e teologias que refletem sobre algo que é mais importante do que a **forma de dizê-lo**. Julio Cortázar, em célebre conferência proferida em Cuba, afirmou que não há temas bons ou maus em literatura, já que na arte da palavra o que importa é o **tratamento de linguagem** que se dispensa a tais temas. Ediz mais: relata sua angústia toda vez que uma pessoa amiga vem lhe trazer “um bom tema” para um texto. Para Cortázar uma pedra sobre a palma da mão pode render um excelente produto literário.

3. A Poesia Concreta incomoda por valorizar excessivamente a Forma. Ora, para os concretos o que conta é o MODO de fazer poesia, já que na Poesia Concreta (e em toda grande arte) a Forma é que informa. Sem forma não há poesia. Como advento da Poesia Concreta todo poeta (seja neoconcreto, pós concreto ou não concreto) assume a responsabilidade poética de conhecer a História Universal da Poesia antes de começar a escrever. E ao começá-lo, deve fazê-lo com precisão. Ou seja: com conhecimento semiótico do material utilizado: a palavra, o espaço em branco da página, as fontes tipográficas, as dimensões do objeto (página de papel; tela de computador, de vídeo, de cinema; placa holográfica; escultura em diferentes materiais; etc.), as possibilidades advindas dos neologismos, do plurilinguismo, das construções substantivas, etc.

A Poesia Concreta incomodou (e incomoda) os letrados porque ela não se restringe ao objeto

literário pura e simplesmente. Ela junta objetos sonoros, táteis, cinéticos, plásticos, virtuais, visuais, num mesmo e antropofágico caldeirão ampliando os limites da Poética. Resultado: a Poesia Concreta chegou aos *outdoors*, às revistas de consumo popular, à televisão, ao rádio, à pintura, ao teatro, à música erudito- contemporânea, ao *design*, à escultura, à cerâmica, ao vídeo, à música popular, ao cinema, à moda, à arquitetura, à fotografia, às histórias em quadrinhos, aos shows musicais, aos sambódromos, etc. et al. Enfim, a Modernidade nasceu com o Simbolismo francês; o Modernismo, quem nos trouxe foi a Semana de 22; e a Poesia Concreta, movimento estético-poético que, trabalhando a palavra, foi além da palavra para melhor possuí-la, é a última manifestação da Modernidade entre nós. Depois dela, veio o Pós- Modernismo que se caracteriza pelo fim das utopias, dos manifestos, dos planos de criação.

A palavra sob a dimensão de objeto cobra um novo modo de Ler e Ver. Um modo que misture, por exemplo, estes dois verbos, como sugere Décio Pignatari, criando um novo verbo receptivo-crítico: o verbo “*VLER*”. Para “*vler*”, os olhos devem girar tal qual os movimentos de uma câmera cinevideográfica, recortando e montando significados que incorporem o espaço de *fundo* do poema (o branco da folha de papel, a tridimensionalidade da escultura) às *formas* da linguagem utilizada pelo poeta.

A arte literária, desde fins do século XIX, libertou-se de uma militância engajada com quaisquer tipos de temas. No Brasil, nos anos 1970, Cacá Diegues brada com veemência contra as “patrulhas ideológicas” e Caetano Veloso compõe “*Odara*”. Ambos são muito malhados pela esquerda e pela direita. Hoje, trinta anos depois, constata-se que os dois tinham razão e que atuaram como “antenas da raça” antecipando-nos novas realidades.

A Poesia Concreta veio abrir campos e espaços. E o fez. E o faz. Neste novo milênio que vivemos priorizam-se os investimentos em conhecimento e cultura. Terreno propício não somente à Poesia Concreta, mas à Ciberliteratura, à Infopoesia, à Ciberpoesia.

Tomemos o poema concreto chamado “*cidade*”, um dos mais significativos poemas brasileiros, escrito em 1963, aqui transcrito desobedecendo à forma original devido às limitações da página. O poema é composto por apenas três versos. Um terceto, digamos assim. Só que com um grande diferencial: enquanto o primeiro verso é formado por um amontoado de sílabas “sem pé nem cabeça”, e que finalizam com a palavra “*cidade*”, o segundo verso é constituído apenas pela palavra “*city*” e o terceiro, “*cité*”.

Como o título do poema é “*cidade*” e esta palavra aparece em três línguas, não é nada mal supor, pela trovoada de sons sem sentido que povoam o primeiro verso, que estamos num mundo atormentado por

imensurável poluição sonora. Daí, as três cidades seriam três metrópoles. S. Paulo, Nova Iorque e Paris.

O poema não cabe numa página de livro convencional. Nem em duas. Nem em três. Talvez em quatro. No livro “Viva Vaia” (S. Paulo: Ateliê Editorial) ele estende-se numa tira de mais ou menos 62cm. Transcrevo o poema, pedindo ao leitor que imagine-o estirado na longa tira a fim que não se perca tanto do seu sentido original:

atrocidade capacidade duplicidade elasticidade felicidade / city / cité
prorustisagasimplitenaveloveravivaunivoracidade

Se você me disser que não entendeu nada ou entendeu muito pouco, de imediato posso até concordar. Mas uma leitura mais atenta vai nos revelar que o poema é composto de partes de palavras (seus radicais) às quais é acrescida a palavra “cidade”. Desta feita tem-se a chave de leitura: atrocidade, capacidade, causticidade, elasticidade, felicidade... e por aí fora. Todas palavras do universo de uma cidade. Então, ao aparente ruído sem significado do primeiro verso contrapomos uma leitura de significados plenamente elaborados.

Voltando ao poema agora como está, com mais atenção percebemos que as palavras aparecem em ordem alfabética: Atrocidade, Capacidade, Causticidade, Duplicidade, Elasticidade, etc. Mas o que tem isto a ver com cidade? Talvez remeta-nos ao planejamento urbano das cidades modernas. Todavia, nova leitura mais atenta revelará que ao final há um desvio da organização alfabética: Tenacidade, Veracidade, Vivacidade, Unicidade, Voracidade. A vogal “U” vem depois da consoante “V”. Seria cochilo do poeta? Quer nos parecer que um poema que se revela até agora tão cerebral não escorregaria numa bobagem destas. Talvez o poeta esteja fazendo referência aos “furos” que todo planejamento urbano tem. Por fim todos os radicais podem ser associados a “city” e “cité” tornando o poema trilingue. Sem dúvida um dos grandes poemas da literatura brasileira.

Veja este poema de José Lino Grünewald:

1
2 2
3 3 3
4 4 4 4
c i n c o

Este poema brinca com a relação entre os signos numéricos e os alfabéticos. A compreensão deste poema fica melhor quando a comparamos com sua tradução para o inglês:

1
2 2
3 3 3
f o u r

Há uma concisão absoluta dos signos presentes no poema, chegando a formar uma equação matemático-linguística.

Observe o poema “Beba Coca-Cola” de Décio Pignatari. O poeta vale-se do *slogan* do refrigerante para desconstruí-lo através de fina ironia:

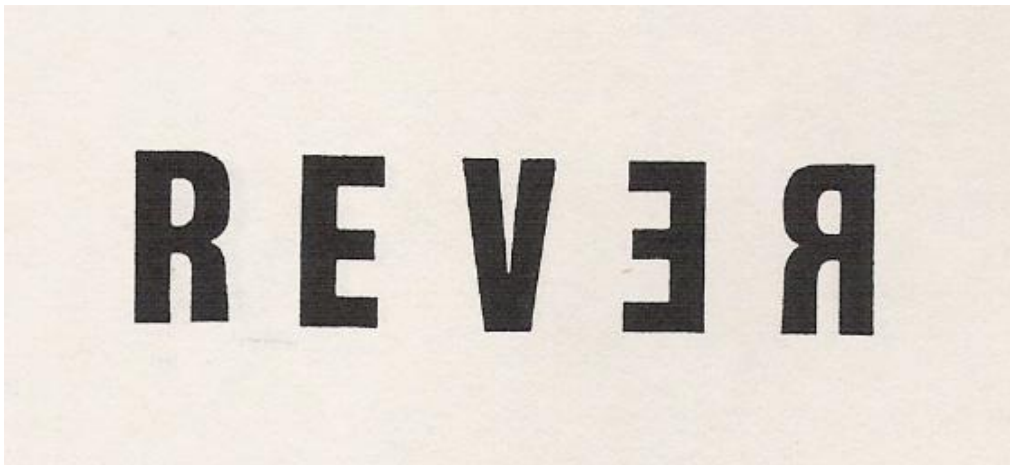


beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
cloaca

Atente para o poema concreto, de Haroldo de Campos, que faz com palavras o que Mondrian faz na pintura: concisão vocabular dialogando com a concisão geométrico-pictórica do pintor. Preste atenção na repetição vocabular e veja as cores (e a ausência delas através do verbo estancar) formando um quadro abstrato.

branco	branco	branco	branco
vermelho			
estanco	vermelho		
	espelho	vermelho	
estanco	branco		

Poesia Concreta: uma poesia de invenção. Nova e alta taxa de informação poética na história da poesia brasileira, desde o Brasil Colônia até os dias de hoje.



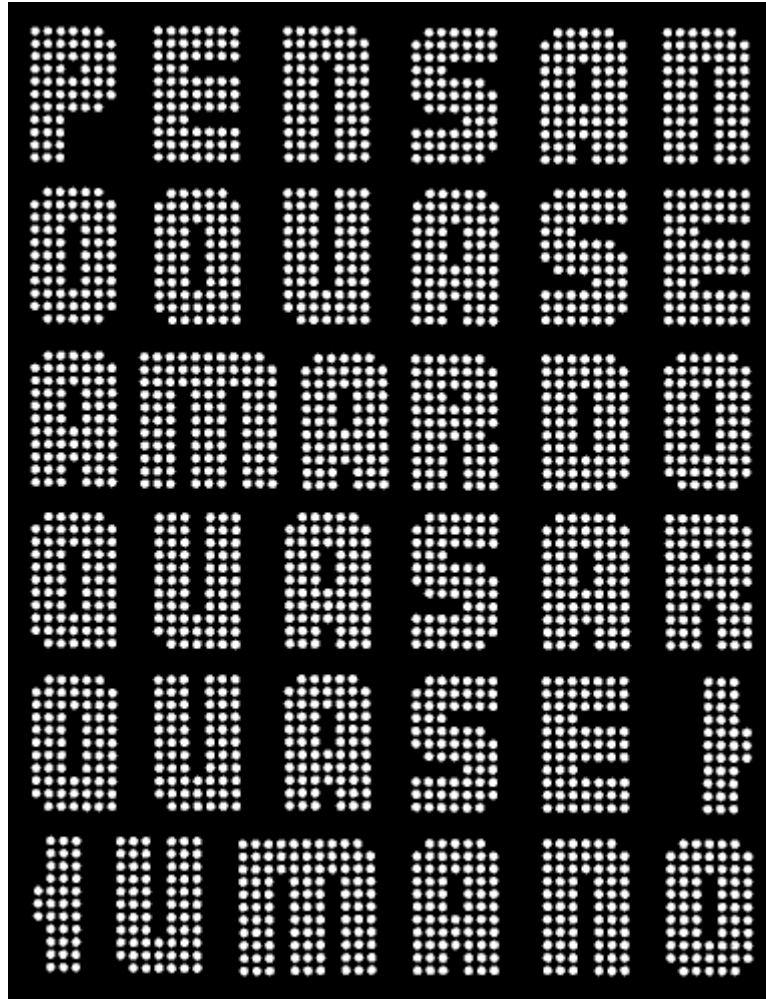
Augusto de Campos



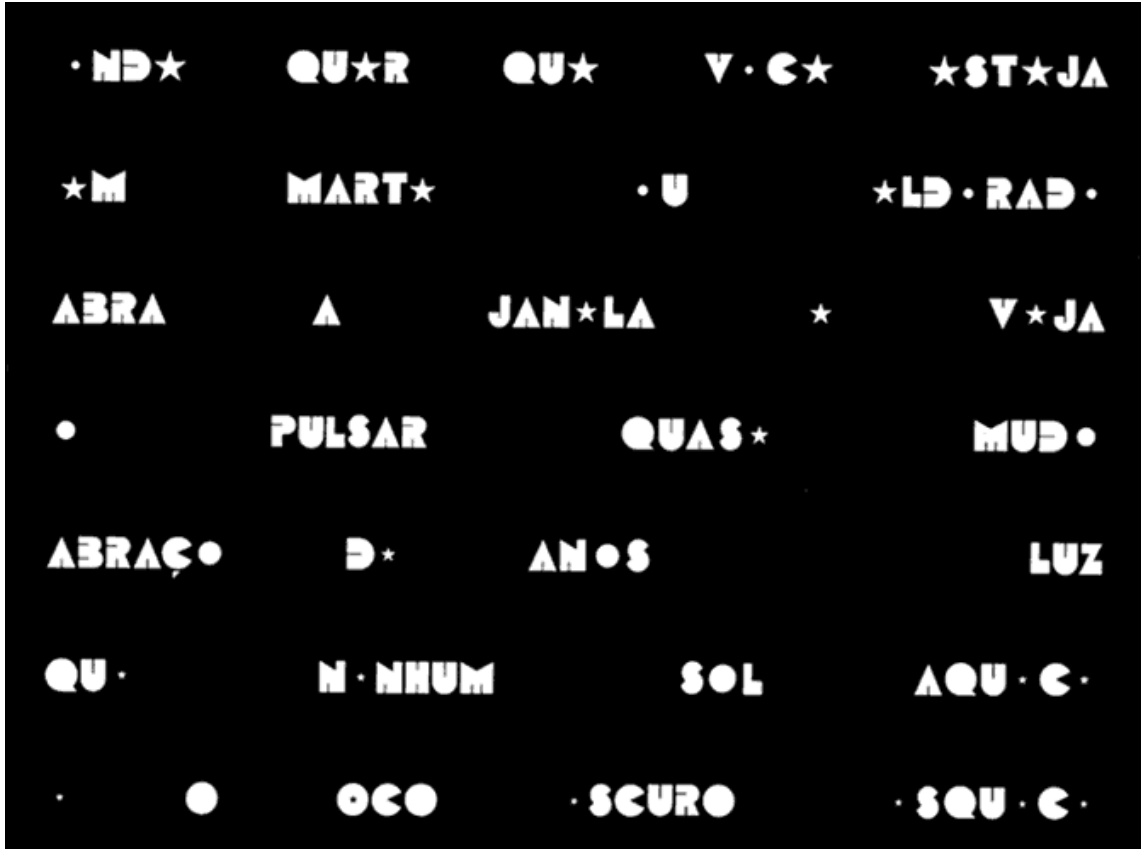
Augusto de Campos

QUI S
MUDAR TUDO
MUDEI TUDO
AGORA PÓS TUDO
EXTUDO
MUDO

Augusto de Campos



Augusto de Campos



Augusto de Campos

LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO LUKO
LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO LUKO
LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO LUKO
LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO
LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO
LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO
LUKO LUKO	LUKO	LUKO LUKO	LUKO	LUKO LUKO LUKO
LUKO LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO LUKO
LUKO LUKO	LUKO	LUKO	LUKO	LUKO LUKO LUKO

Augusto de Campos

A M O R
A M O R
A M O R R
A M O R T R
A M O R T E R
A M O R T E M R
A M O R T E M O R
A M O R T E M O R

Augusto de Campos

OSC

ONT

EMP

ORÂ

NEO

SNÃ

OSA

BEM

LER

Augusto de Campos

**ra terra ter
rat erra ter
rate rra ter
rater ra ter
rater a ter
raterra terr
araterra ter
raraterra te
rraraterra t
erraraterra
terraterra**

Décio Pignatari

beba coca cola

babe cola

beba coca

babe cola caco

caco

cola

cloaca

Décio Pignatari

man man

man man

man man

Décio Pignatari

VVVVVVVVVVVVV
VVVVVVVVVVVE
VVVVVVVVVVEL
VVVVVVVVELO
VVVVVVELOC
VVVVELOCI
VVVVELOCID
VVVELOCIDA
VVELOCIDAD
VELOCIDADE

Ronaldo Azeredo

vai e vem

e e

vem e vai

Ronaldo Azeredo

cinco

1

2 2

3 3 3

4 4 4 4

c i n c o

José Lino Grünewald

negócio
ego
ócio
cio
0

José Paulo Paes

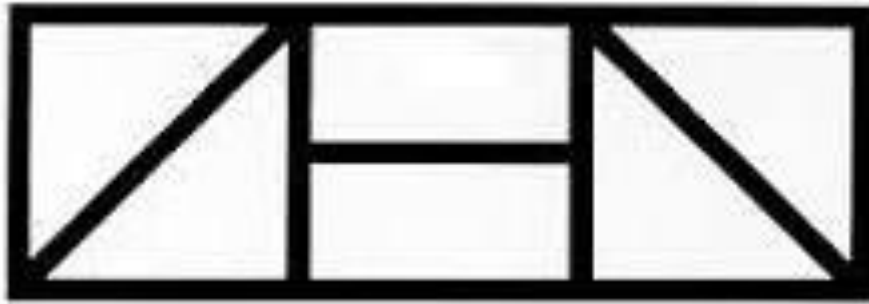
AC
DC
WC

José Paulo Paes

PO R
DE
PO R

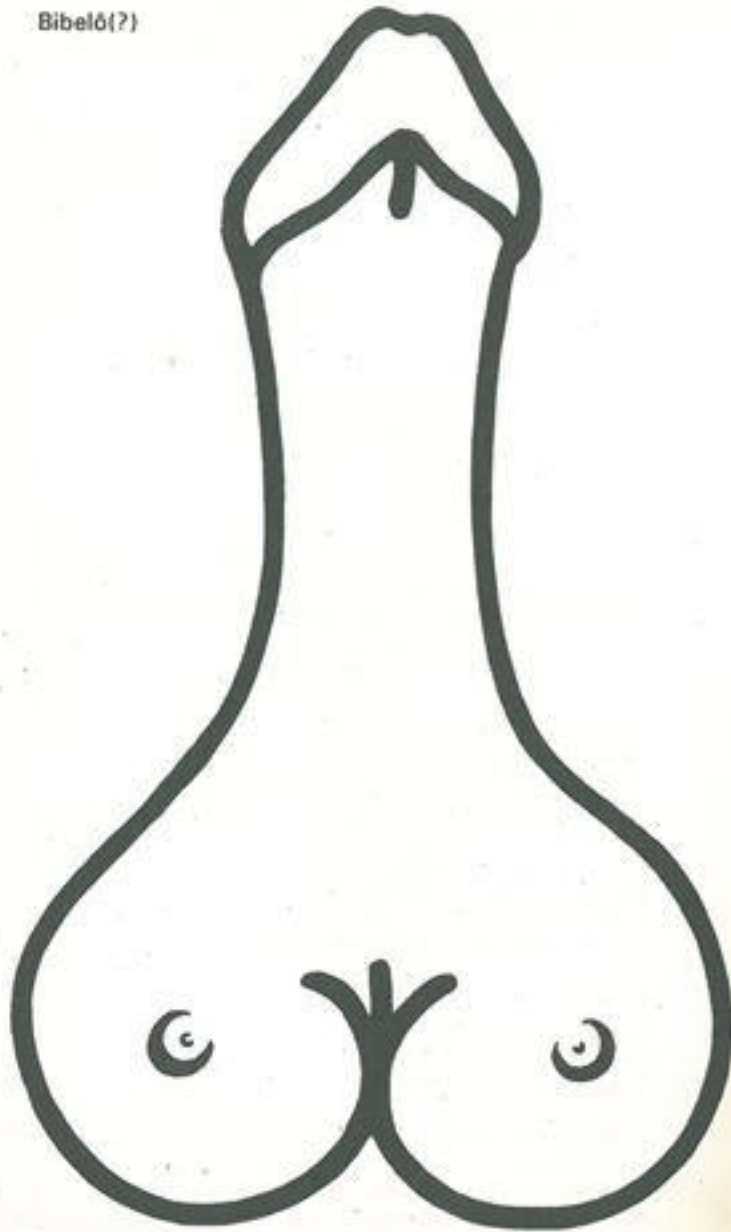


Pedro Xisto



Pedro Xisto

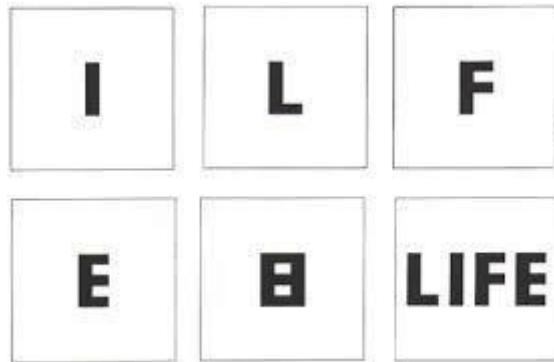
Bibeló(?)



Décio Pignatari

**I
L
F
E
B
LIFE**

Décio Pignatari



Décio Pignatari

des
aprender
de uma vez
todas as línguas
em -al em -ol em -ão
em -ego em -im em -ano
em -ês
poesia
não tem
porquês

esquecer
esquecer
esquecer
e m u d e
cer des
umano

para vol
ver a ser
no nano
uni vers
o
da minh
a mudez

humano

Augusto de Campos

amantes eis
 os
 sem parentes
 senão
 os corpos
 irmãum gemeoutrem
 cimaeu baixela
 ecoraçambos
d u p l a m p l i n f a n t u n o (s) e m p r e
 semen(t)emventre
 estesse aquelele
 inhumanoutro

Augusto de Campos



Augusto de Campos

GREVE GREVE GREVE GREVE
arte longa vida breve
GREVE GREVE GREVE GREVE
escravo se não escreve
GREVE GREVE GREVE GREVE
escreve só não descreve
GREVE GREVE GREVE GREVE
grita grifa grafa grava
GREVE GREVE GREVE GREVE
uma única palavra
GREVE GREVE GREVE GREVE

Augusto de Campos

cristal
cristal
fome
cristal
cristal
fome de forma
cristal
cristal
forma de fome
cristal
cristal
forma

Haroldo de Campos

com som	can tem	
con tem	ten são	tam bem
	tom bem	sem som

Augusto de Campos

cidade

atrocapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubrimendimultipliorganiperiodiplastipubliraparecip
orustisagasimplitenaveloveravivaunivoracidade

city
cité

Augusto de Campos

se
nasce
morre nasce
morre nasce morre
renasce remorre renasce
remore renasce
remorre
re
re
desnasce
desmorre desnasce
desmorre desmorre desnasce
nascemorrenasce
morrenasce
morre se

Haroldo de Campos

âmago do ômega

no

â mago do ô mega
um olho
um ouro
um osso

sob

essa pe(vide de vácuo) nsil
pétala p a r p a d e a n d o cilios
pálpebra
amêndoa do vazio pecíolo: a coisa
da coisa
da coisa

um duro
tão oco
um osso
tão centro

um corpo
cristalino a corpo
fechado em seu alvor

ero
Z ao
ênit

nitescendo ex-nihilo

Haroldo de Campos

poetas

chega de poesia

aos deuses ambrosia

a nós 2ª via

só cabe homens-sanduíche

anunciar o que avisam

a vida é kitsch

e eles não bisam

Augusto de Campos

sem um numero
um numero
numero
zero
um
o
nu
mero
numero
um numero
um sem numero

Augusto de Campos

LUA NA AGUA
LUA NA AGUA
ALGUMA LUA
LUA ALGUMA

Fonte: elsonfontes.com.br

Paulo Leminski



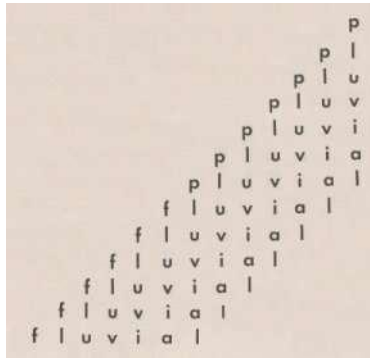
Philadelpho Menezes. Exemplo 30. *Ar:* "Poética e visibilidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea". Campinas: UNICAMP, 1991, p.171.

Philadelpho Menezes

ovo
n o v e l o
n o v o n o v e l h o
o f i l h o e m f o l h a s
n a j a u l a d o s j o e l h o s
i n f a n t e e m f o n t e
f e t o f e i t o
d e n t r o d o
c e n t r o

Augusto de Campos

**NÃO
SER
POE
TAP
ODE
RSE
RPO
ETA**

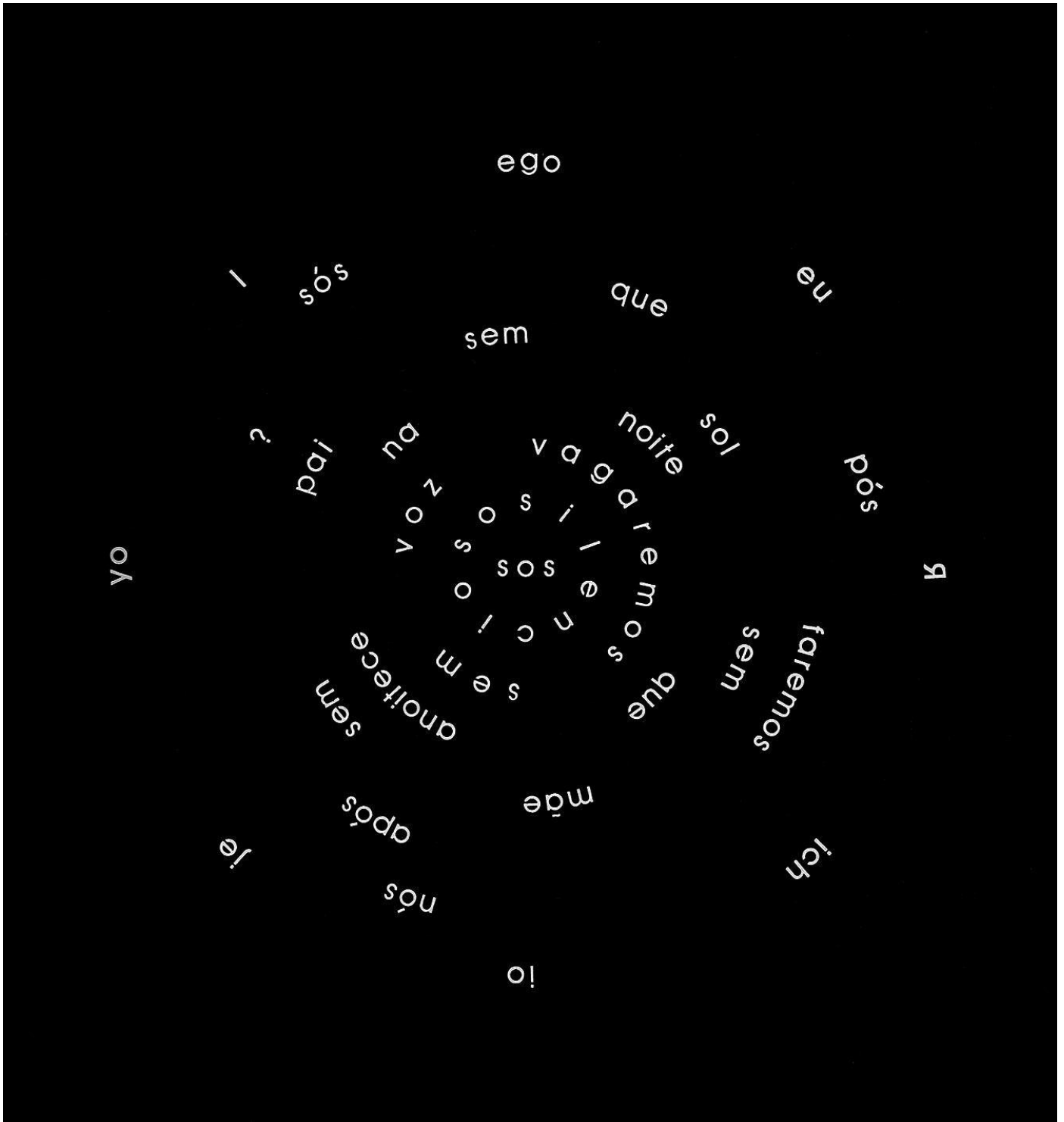


Augusto de Campos

NÃO ME V
EN DONÃ
O SEVEN
DANÃOS
EVENDE

Augusto de Campos

**só
bebo
à
poesia sem placebo
clareza de cristal
dureza de rochedo
sem mília sem média sem medo
da contramão da vida
ao beco sem saída
sentir o
so
ss
os
ouvir as pedras
quebrar os espelhos
até o último round
o último suspiro
se eu cair (pound)
não caio de joelhos**



Augusto de Campos



Augusto de Campos



Augusto de Campos



Augusto de Campos

BEMVINDO
AS CATACUMBAS
AQUI
JAZEM
OS POETAS
EM SUAS TUMBAS
NÃO DIZEM O QUE
FAZEM
NO FIM DO
MUNDO
NENHUM SOL
NENHUMA FRESTA
QUE LINDO
NEM UM SO
RESTA
NINGUEM MAIS
PERTURBA
O BARULHO DA FESTA

Augusto de Campos

Capas de livros de poetas concretos



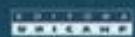
D É C I O



P I G N A T A R I

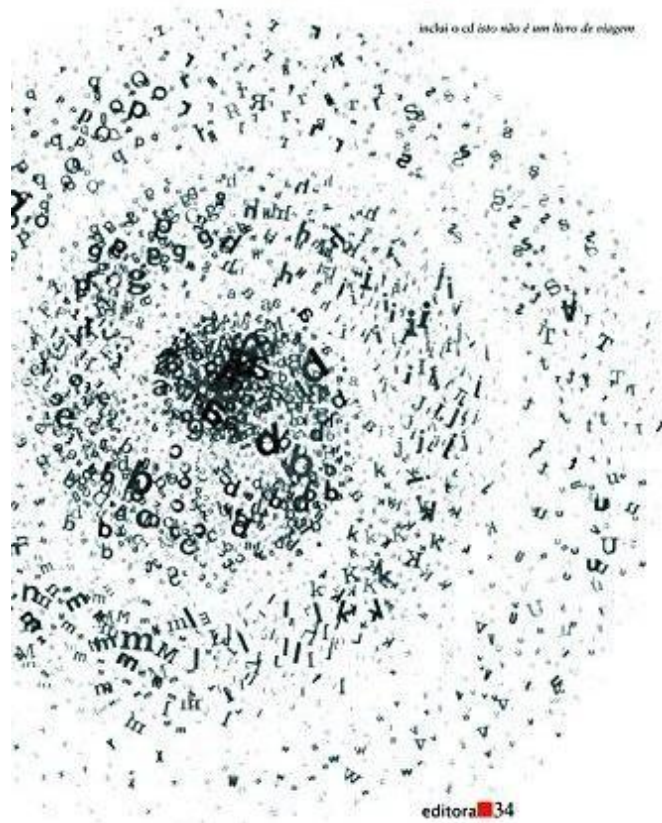
P	O	E	S	I	A
P	O	I	S		É
P	O	E	S	I	A

Æ
Axiol Editorial



haroldo de campos galáxias

inclui o cd foto não é um livro de imagens



editora 34



RIBEIRO NETO, Amador. *Poesia Concreta: rever-visão*. João Pessoa: Material Didático: UFPB, 2018.